

PRÁTICAS CIBERFASCISTAS

é possível pensar-fazer uma engenharia reversa que rompa com o implante
desejante fascista?

*Felipe da Silva Ponte de Carvalho
Pedro Spineli*

Resumo: As práticas cotidianas mediadas pelas tecnologias digitais em rede vêm reconfigurando a cultura, dando sentido e forma à cibercultura. Nessa ambiência, temos acompanhado as políticas de ódio que promovem e se desdobram em (micro)práticas fascistas, sobretudo, aquelas práticas que moram dentro de nós, mas que às vezes nos escapam e as publicamos e partilhamos nas redes *online*, as quais denominamos de práticas ciberfascistas: práticas de ódio contra gênero, sexualidade, raça, classe, território... Para analisar as práticas ciberfascistas e refletir em possibilidades de uma vida não fascista, que são as apostas desta pesquisa cartográfica, utilizamos acontecimentos que reverberaram nas redes online. Cartografamos rastros digitais e tecemos teorizações para problematizar o tempo presente articuladas com o episódio “Engenharia Reversa” do seriado “*Black Mirror*”. Como resultado dessa pesquisa, destacamos algumas práticas ciberfascistas: o uso de perfil falso; ataques por causa da ausência de face; linchamento em rede; e *fake news* para letalização dx outrx. Como modos de (re)existência não fascista, destacamos as práticas: ampliar a liberdade ética-estética-política e de respeito ao outro; combater sem cessar as políticas de ódio; e potencializar múltiplas formas de resistência, de produzir e dar sentidos a novos contornos à vida cotidiana, ao viver em rede.

Palavras-chaves: Prática ciberfascistas; engenharia reversa; cartografia.

CYBERFASCIST PRACTICES

is it possible to think-do reverse engineering that breaks with the fascist
desiring implant?

Abstract: The daily practices mediated by digital network technologies have reconfigured culture, giving meaning and shape to cyberculture. We have followed the hate policies that promote (micro) fascist practices, especially those that we practice when we publish and share in online networks, what we call cyberfascism practices: hateful practices against gender, sexuality, race... The goal of this cartographic research is to analyze cyberfascist practices and reflect on the possibilities of a non-fascist life. We start this text using the "Men Against Fire" episode of the "Black Mirror" series as a metaphor for thinking about fascism in our contemporary society. So we mapped digital trails and did theorizations to problematize cyberfascism. As a result of this research, we highlight some cyberfascist practices: the use of false profiles; attacks due to absence of face; network lynching; and fake news to annihilate the other. As a non-fascist way of life, we highlight practices: broadening ethical freedom and respect for others; fight hateful policies; and empower multiple forms of resistance, to produce and give meanings to new contours to daily networked life.

Keywords: Cyberculture, Cyberfascism practices, Cartography

PRÁCTICAS DE CIBERFASCISTA

¿Es posible pensar-hacer ingeniería inversa que rompa con el implante que desea fascista?

Resumén: Las prácticas diarias mediadas por las tecnologías de redes digitales han reconfigurado la cultura, dando sentido y forma a la cibercultura. Hemos seguido las políticas de odio que promueven las prácticas (micro) fascistas, especialmente las que practicamos cuando publicamos y compartimos en las redes en línea, lo que llamamos prácticas de ciberfascismo: prácticas odiosas contra el género, la sexualidad, la raza ... El objetivo de esta investigación cartográfica es analizar las prácticas ciberfascistas y reflexionar sobre las posibilidades de una vida no fascista. Comenzamos este texto utilizando el episodio "Hombres contra el fuego" de la serie "Black Mirror" como una metáfora para pensar sobre el fascismo en nuestra sociedad contemporánea. Así que mapeamos senderos digitales e hicimos teorizaciones para problematizar el ciberfascismo. Como resultado de esta investigación, destacamos algunas prácticas ciberfascistas: el uso de perfiles falsos; Ataques por ausencia de rostro; linchamiento de red; Y falsas noticias para aniquilar al otro. Como estilo de vida no fascista, destacamos las prácticas: ampliar la libertad ética y el respeto por los demás; luchar contra las políticas de odio; y potenciar múltiples formas de resistencia, para producir y dar significados a nuevos contornos a la vida diaria en red.

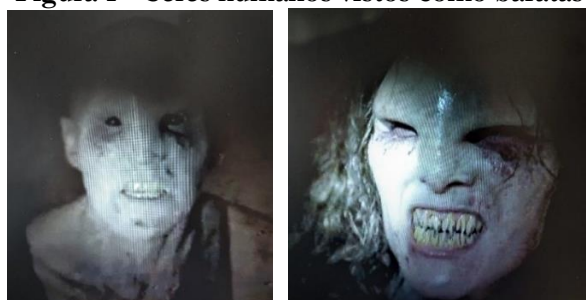
Palabras-claves: Cibercultura, prácticas de ciberfascismo, cartografía

TEORIZAÇÕES DO TEMPO PRESENTE: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

— *Algo aconteceu ontem à noite em Her Falls [...]*
Invadiram uma mercearia e roubaram coisas.
Moradores acham que foram baratas
(ENGENHARIA, 2016, 1'25")

O enunciado transcrito na epígrafe deste artigo, apresentado no início de “Engenharia Reversa”, episódio 4 da 3ª temporada do seriado “Black Mirror”, no leva a pensar que estamos em meio a uma guerra contra baratas, mas, no desenrolar de toda a trama fica explícito que as baratas, na verdade, são seres humanos. Xs militares desse episódio veem determinados grupos de pessoas como baratas (figura a seguir), isso acontece devido a um chip implantado em seu cérebro:

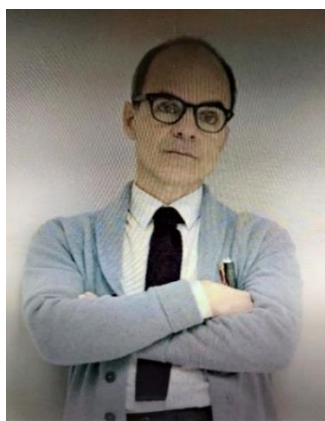
Figura 1 – Seres humanos vistos como baratas



Fonte: Engenharia Reversa – Black Mirror

O “Implante do Exército”, também chamado de “Sistema de Mascará”, visa aumentar a performance para lutar na guerra, tornando xs militares em “máquinas desejanter” (DELLEUZE, GUATTARI, 2011) de exterminar baratas, ou seja, todxs aqueles que são nomeados e vistos como diferentes.

Figura 2 – Fala Personagem Arquette/Psiquiatra



As máscaras [o implante no cérebro dxs soldadxs] são a maior arma militar de todas. Elas ajudam com as informações, com a mira, com a comunicação e com o condicionamento. É muito mais fácil puxar o gatilho mirando na cabeça do bicho-papão. [...] Faz ideia da quantidade de merdas que elas [as baratas] têm no DNA? Maiores probabilidades de câncer, distrofia muscular, síndrome de Sjörger-Larsson, QI baixo, tendência ao crime, desvios sexuais.... É isso que você quer para a próxima geração? – Personagem Arquette-Psiquiatra conversando com o personagem Stripe-Soldado (ENGENHARIA, 2016, 50’14”).

Fonte: Engenharia Reversa – Black Mirror

Esse ódio ao outro – de chegar ao ponto de vê-lx como um ser nojentto, inferior, anormal, uma barata – nos remete às múltiplas formas de ódio praticadas em nossa sociedade. Ódio esse que visa a preservação de determinados tipos de vidas e não de outras. É um ódio que está impregnado/encharcado em nosso cotidiano, que nos ronda, está dentro de nós, é construído anos e anos na/com a gente, o qual nos torna um militar pronto para atacar, isto é, um ser fascista (FOUCAULT, 1993).

Pensar em fascistas nos movimentam a ir, antes de tudo, ao encontro das políticas que promovem o fascismo contemporâneo em nossa cultura, as políticas de ódio (ZAGO, 2017) que são propagadas e partilhadas diariamente. Zago nos alerta que “não há, assim, política do ódio estatal sem que ela esteja apoiada em micropolíticas do ódio disseminadas em todo o tecido social, grassando no decorrer da história e infiltrando o mais fino grão da vida ordinária” (2017, p. 84). Essas políticas de ódio argumentadas por Zago podem ser vistas, por exemplo, em notícias que são publicadas diariamente, como as que destacamos a seguir relacionadas à gênero e sexualidade:

Crivella veta no Rio a exposição Queermuseu, censurada em Porto Alegre
"A população do Rio de Janeiro não tem o menor interesse em exposições que promovam zoofilia e pedofilia", disse Crivella em declarações (MARTÍN, EL PAÍS ONLINE, 2017).

Delegado afastado de caso de estupro é dispensado do cargo

[Sobre o caso de estupro coletivo de uma jovem de 16 anos numa favela do RJ]:

“A adolescente, em entrevista ao "Fantástico", da Rede Globo, disse:

— O próprio delegado me culpou. Quando eu fui à delegacia eu não me senti à vontade em nenhum momento. Eu acho que é por isso que muitas mulheres não fazem denúncias. Tentaram me incriminar, como se eu tivesse culpa por ser estuprada” (HERINGER, MARINATTO, JORNAL EXTRA ONLINE, 2016).

Jair Bolsonaro lança panfleto contra homossexuais;
MEC vai distribuir kits anti-homofobia em escolas

"Ilustríssimos senhores e senhoras chefes de família, apresento alguns dos 180 itens deste que chamo Plano Nacional da Vergonha, onde meninos e meninas, alunos do 1º grau, serão emboscados por grupos homossexuais fundamentalistas, levando a mensagem de que ser gay ou lésbica é motivo de orgulho para a família brasileira", diz a apresentação da cartilha (O GLOBO ONLINE, 2011).

Por meio dos fragmentos dessas reportagens, é possível problematizar e cartografar como as políticas de ódio estão articuladas para a manutenção e regulação da vida das populações, que por sua vez compõem uma biopolítica, a qual atua pela “gestão calculista da vida” (FOUCAULT, 2017, p 150), selecionando e organizando quem deve viver e quem deve morrer. Estamos querendo dizer, com isso, que, para que determinados grupos continuem a gozar de seus ‘privilégios’ sob a tutela de um Estado burguês, ultraconservador e neoliberal como o nosso, é preciso que outros grupos paguem por isso, inclusive com a própria vida, em nome da garantia da moral, da família, da religião, da não contaminação das crianças com uma tal ideologia de gênero e do coitadismo, por exemplo.

Podemos dizer que essas políticas de ódio – que são também tentativas de enquadrar o outro e o moldá-lo de acordo com o desejo do grupo hegemônico, e que se encontram em múltiplas interfaces de nossa sociedade – aproximam-se das discussões das micropolíticas fascistas que Guattari destaca (1987, p. 189): “o fascismo, assim como o desejo, está espalhado por toda parte, [...]; ele toma forma, num lugar ou noutro, em função das relações de força”. Essa micropolítica fascista se atrela ao fascismo viral, o qual, para Duarte (2015, p. 50), “atua por contaminação endêmica, espalhando-se silenciosamente pelo planeta como enfermidade crônica que precisa ser continuamente combatida”, e faz parte de uma biopolítica onde “a preservação da vida de uns está fundada na impossibilidade da vida de outros muitos”.

Nessa mesma direção, mas de outro modo, Foucault chama a nossa atenção para o “fascismo que está em todos nós, que ronda nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz gostar do poder, desejar essa coisa mesma que nos domina e explora”

(1993, p. 198). Entretanto, Foucault pontua sobre as possibilidades para uma vida não fascista, para a arte de viver contrária a todas as formas de fascismo, que tem como alguns de seus princípios liberar a ação política de toda forma de paranoia unitária e totalizante; e fazer crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, e não por subdivisão e hierarquização piramidal. Duarte (2015, p. 35), por seu lado, sugere que o enfrentamento político da vida não fascista na contemporaneidade deveria passar pela coragem de olhar o fascismo hoje de frente e “sorrir” dele (em termos foucaultianos): “como que recomendando o sorriso espirituoso enquanto poderosa arma intelectual, capaz de questionar e impor o descrédito e a derrisão às pretensões da vida fascista”.

Na cibercultura, as práticas ciberfascistas acontecem, se configuram e tomam forma a partir de múltiplos ataques, e qualquer pessoa, grupo, página, instituição, políticx ou movimento social pode ser o alvo da vez. Dentre os ataques, destacamos as produções de notícias falsas ou mentirosas, conhecidas como “*fake news*” (BRAGA, 2018), que têm o intuito de obter vantagem política e econômica ou até mesmo destruir a vida de alguém; o linchamento em rede (LOBO; FILHO, 2016); “*flaming war*” (DERY, 1994), ou guerras inflamadas, que são os debates acalorados e agressivos; discursos preconceituosos e discriminatórios contra as chamadas “minorias” sexuais” (COUTO JUNIOR, 2014), que são praticados contra aqueles corpos nomeados anormais, corpos estranhos (GUACIRA, 2016); e a violência simbólica e discursiva na conversação, principalmente por meio de atos de ameaça à face (RECUERO, 2009; 2013). A “face”, segundo Goffman (1967), é a construção e manutenção do “valor social positivo” que uma pessoa reivindica para si mesma. No episódio “Engenharia Reversa”, a face de determinados grupos de pessoas é literalmente mascarada para que xs militarxs vissem como seres sem humanidade, o que facilitava o extermínio sem culpa.

Considerando o mecanismo de máscara sensorial (visual, auditiva e olfativa) como uma metáfora para a operacionalização do fascismo, podemos também refletir sobre como se operacionalizam as práticas ciberfascistas, conforme discutiremos em seção posterior.

CARTOGRAFANDO RASTROS CIBERCULTURAIS

A cibercultura é composta por múltiplas práticas, gostos, formas de viver, habitar, se comunicar e partilhar. Cultura marcada, segundo a perspectiva de Lemos (2007), pelo princípio da “liberação do polo de emissão”, que possibilita a comunicação todos-todos em diversos espaços-tempos. Outro princípio, desse autor sobre a cibercultura, é a “conexão em rede”, que se refere a entrar em conexão com outros para trocar informações, circular, distribuir. Com a liberação do polo de emissão e com todos conectados em rede, tem ocorrido o que Lemos denomina “reconfiguração sociocultural”, um outro princípio da cibercultura que se refere a modificações de práticas existentes e a emergência de novas práticas culturais. De acordo com Lemos (2007, p. 36), a cibercultura instaura uma estrutura midiática única, em que qualquer sujeito pode “produzir e publicar informação em tempo real, sob diversos formatos e modulações, adicionar e colaborar em rede com os outros, reconfigurando a indústria cultural (massiva)”.

Mas, mais que isso, é interessante pensar que em nossas práticas ciber culturais somos o tempo todo convidados a agir, dizer o que está acontecendo ou se passando. Partilhamos e reagimos a páginas online, imagens, narrativas, vídeos, memes, movimentos sociais tão

quanto recomendamos solicitações e sugestões de lugares, comidas, produções artísticas, viagens... Essas práticas em rede deixam rastros, os quais são denominados por Bruno (2012) de “rastros digitais”, que, além de serem vestígios de ações de sujeitos, podem ser também vestígios de processos automatizados. Os rastros digitais, para Bruno, são inscrições de ações; suas topologias e visibilidades são multiformes; e eles são facilmente recuperáveis.

Os rastros digitais nos possibilitam identificar vestígios de práticas ciberfascistas, principalmente aquelas práticas de ódio machistas, misóginas, LGBTI+fóbicas, racistas... Isso sem dizer que esses rastros nos fornecem caminhos que nos ajudam a refletir e analisar as práticas ciberfascistas bem como pensar em possibilidades de uma vida não fascista.

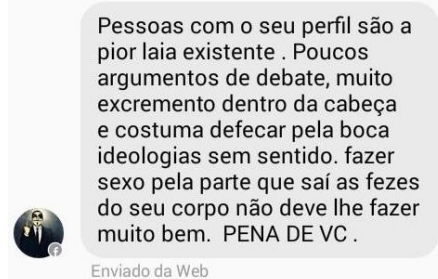
Para acompanhar os fluxos e as movimentações dos rastros digitais e dos acontecimentos emergentes, utilizamos a cartografia (ALVEREZ e PASSOS, 2009; CARVALHO, ROSENO e POCAHY, 2018; CARVALHO, MARTI e JUNGER, 2018), uma vez que ela introduz o pesquisador numa “rotina singular em que não se separa teoria e prática, espaços de reflexão e de ação” (ALVEREZ e PASSOS, 2009, p.149). Requer uma postura aberta aos acontecimentos insurgentes que atravessam a pesquisa-vida, que deslocam o imperativo sujeito-objeto, pois se trata de acompanhar-fruir as práticas que agenciam significados e sentidos (CARVALHO, ROSENO e POCAHY, 2018). A cartografia está longe de prescrever procedimentos metodológicos que garantiriam a elucidação de um determinado grupo de hipóteses, previamente deduzidas de sua articulação teórica, num regime de produção do conhecimento pautado pelo verdadeiro e falso (CARVALHO, MARTI e JUNGER, 2018).

Ao cartografarmos os rastros digitais, buscamos produzir modos de problematização com base em nosso contexto, em tencionamentos discursivos-desconstrucionistas-interseccionais que nos possibilitem esculpir novos significados e sentidos na/com a vida cotidiana, sobretudo, não fascista e voltada à ética. Esta é pensada a partir das discussões foucaultianas (NARDI e SILVA, 2005; ROSE, 2011), as quais nos possibilitam tecer múltiplos modos de problematização de nossa existência, de como nos conduzimos e nos constituímos enquanto sujeitos capazes de apropriar-se dos destinos de nossa vida. Nardi e Silva (2005, p. 93) argumentam que “Foucault propõe que a ética seja pensada como a forma privilegiada de reflexão sobre os modos de viver e que a vida seja tomada como a expressão de uma obra de arte singular”. Rose (2011, p. 50) destaca que as práticas éticas, de acordo com o ponto de vista de Foucault, “não pertencem ao domínio da moralidade, na medida que os sistemas universais são, em geral, esquemas universais de proibição e interdição – tu não farás isto, ou tu não farás aquilo”.

PRÁTICAS CIBERFASCISTAS: COMO OS FASCISTAS AGEM NAS REDES?!

Dentre os fenômenos emergentes da cibercultura, o ciberfascismo vem afetando muita gente. Qualquer um pode tornar-se vítima de um fascista, como aconteceu recentemente com o primeiro autor deste texto pelo Facebook, o qual, no dia 22/09/2016, recebeu a seguinte mensagem pelo bate-papo (inbox) do Facebook:

Figura 3 – Ataque fascista pelo “bate-papo do Facebook”



Fonte: Aplicativo bate-papo Facebook

Após receber essa mensagem, analisamos o perfil da pessoa que a enviou. No perfil mostra somente duas fotos: uma do personagem “*Anonymous*”, que não ajuda na identificação da pessoa, e a outra foto (a de capa do perfil) é a imagem de uma estação de metrô, semelhante a estação do metrô do filme “*V – vingança*”. Tudo leva a crer que se trata de um perfil falso, sendo essa uma estratégia para a operacionalização do fascismo nas redes digitais.

O uso de “perfil falso” (*fake*) é uma das estratégias usadas para a prática do ciberfascismo. O fascista cria um perfil falso *online*, não coloca nenhuma identificação e utiliza o perfil para promover seus ataques a usuárixs que não partilham das mesmas ideias que as suas, mas não só. Os ataques acontecem por meio de xingamentos e de discursos preconceituosos em publicações (COUTO JUNIOR, 2014), como também por meio de envios de mensagens em particular (*inbox*). Essa (micro)prática, além de revelar a homofobia, ela se situa também dentro de uma política de ódio, cuja característica é “endereçar discursos de ódio para a população de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (entre outros grupos sociais) – prática que tenta subtrair o status de humanidade desses sujeitos” (ZAGO, 2017, p. 81).

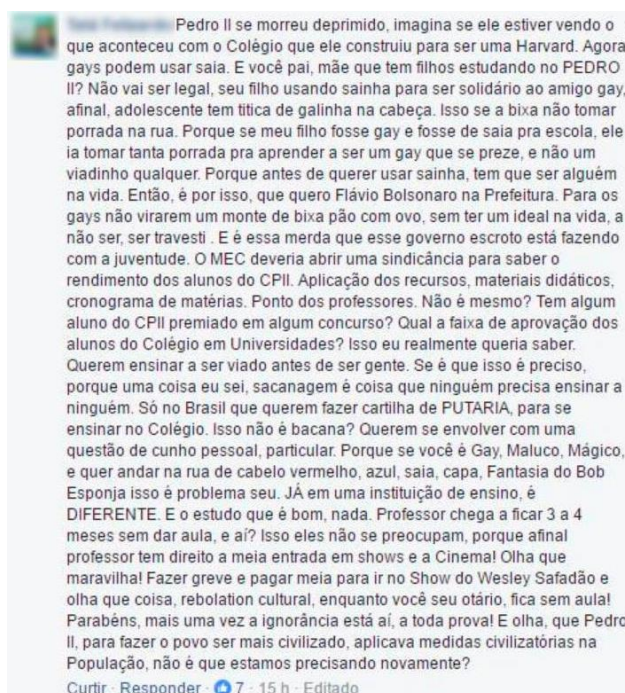
A prática ciberfascista do uso de perfil falso toma forma e vigor em decorrência do princípio da cibercultura do “polo de emissão liberado” (LEMOS, 2007), que se refere ao fato de que todos são autores em potenciais na cibercultura, seja para o bem ou para o mal. Lemos (*idem*, p. 39) destaca que “as práticas sociocomunicacionais da internet estão aí para mostrar que as pessoas estão produzindo vídeos, fotos, escrevendo em blogs, criando fóruns e comunidades”; e praticando ataques ao outro.

Outra prática que potencializa o ciberfascismo é a “ausência da face”, o fascista faz ataques usando sua própria conta (não apenas escondido por de trás de um perfil *fake*), fala coisas que não falaria na presença física de outra pessoa ou no contexto de seu grupo social mais próximo. De acordo com Goffman (1967), a face é uma imagem do *self* delineada em termos de atributos sociais aprovados, é a autoimagem pública, construída socialmente e que demanda aprovação social; mas nas interações pelas redes sociais estamos ausentes da “face” do outro, literalmente, há a separação da palavra do corpo, como apontado por Dery (1994), o que vem sendo reconhecido como um dos fatores que potencializa a violência discursiva e simbólica na conversação, caracterizados como “atos de ameaça à face” (RECUERO, 2013). Não só pela ausência do corpo físico, do olho-no-olho, mas também em decorrência da hiperconexão (RECUERO, 2009), ou do princípio da “conexão generalizada em rede” (LEMOS, 2007), que se refere ao fato de que, pelas redes digitais, entramos em contato com

grupos muito mais heterogêneos, o que dificulta a negociação da polidez e, em casos mais extremos, potencializa conflitos e violência no discurso, fazendo ocorrer com mais frequência fenômenos como as “guerras inflamadas” (DERY, 1994), a trolagem, o cyberbullying.

Como exemplo de ausência de face, na Figura 4 trazemos uma narrativa de um usuário que se posiciona abertamente, de maneira agressiva e usando de sarcasmo e xingamentos (homofóbicos), contra a decisão do Colégio Pedro II em relação aos uniformes dos alunos (essa narrativa foi apagada posteriormente, porém já havíamos feito um *printscreen* antes dela ser deletada).

Figura 4 – Narrativa sobre o posicionamento do Colégio Pedro II



Fonte: Página Facebook [Aborto sim](#). Acessado em: 23/09/2016

O linchamento em rede é uma outra prática ciberfascista. Como exemplo, destacamos os comentários compartilhados por usuários que curtem o “G1 – O Portal de Notícias”. O “Portal” é conhecido como um lugar onde usuários propagam o ódio abertamente, sem pudores e sem compromisso ético de si e com o coletivo. O caso do estudante Matheusa da Artes/UERJ, assassinado pelo “tribunal do tráfico” numa favela situada no município do Rio de Janeiro, mostra evidências dessa prática de linchamento online:

Figura 5 – Caso Matheusa e os comentários no G1 – O Portal de Notícias



G1 - O Portal de Notícias da Globo
 7 de maio às 20:37 · 🌐

Policiais consideram que há "fortes indícios" de que o corpo da estudante tenha sido queimado após a execução <https://glo.bo/2K4gljJ> #G1

Matheusa foi 'julgada' antes de ser morta por traficantes, diz delegada
 G1.GLOBO.COM

Curtir Comentar Compartilhar

Comentários:

- Só mais um zé droguinha morto pelo tráfico, como tirava a camisinha peidando, a mídia diz que foi homofobia, como sempre
 1 d Curtir Responder 552
- Coitada!!! Se tentou explicar o que é "não-binário" pros traficantes, esse foi o motivo da execução!
 1 d Curtir Responder 23
- "Aaaiinnn... Homofobia e blá blá blá..." Uma ova! Apenas mais um viciado que foi morto pelo crime. Segue o baile!
 1 d Curtir Responder 1,8 mil
 Visualizar respostas anteriores...
- Boa soldado!! BOLSONARO PRESIDENTE!!
 1 d Curtir Responder 39
- ela entrou em 'surto' após festa e chegou ao Morro do 18 nua, onde foi executada por traficantes após passar por 'tribunal'. 'Ele tentou se defender'. Estão falando de 1 pessoa porém no Feminino e Masculino. Meu Deus. Homem é homem, mulher é mulher. Homem nu, não nua. Só falta tratar o caso como feminicídio.
 1 d Curtir Responder 724

Fonte: [G1/Facebook](https://www.facebook.com/g1). Acesso em: 10/05/2018

O caso de Matheusa mostra inúmeros comentários LGBT+fóbicos, onde um comentário que externaliza um ideal, com base numa moral específica, potencializa outro comentário tão como diversas formas de curtidas (triste, deboche, raivosa...), transformando o espaço de divulgação da notícia num tribunal *online*. Esse caso explicita que, o encontro de pessoas com o mesmo perfil, o que é notadamente potencializado nas interfaces das redes sociais, promove o apoio mútuo que potencializa a realização de práticas ciberfascistas. Essa situação potencializa o “efeito manada”, onde usuários que partilham das mesmas ideias se juntam para atacar possíveis alvos que pensam diferentes ou discutirem em torno de um mesmo ideal/desejo/moral, promovendo, assim, o linchamento em rede.

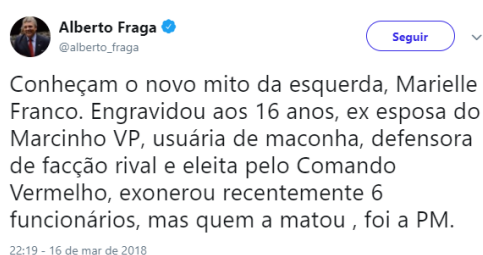
De acordo com Lobo e Filho (2016, p. 09),

O linchamento é algo muito conhecido por parte dos brasileiros. Somos um país que muito o pratica. [...] Começamos a perceber que no linchamento em rede, discursivamente construído e simbolicamente executado, os sujeitos “linchadores” se dispõem a linchar, apoiam, no geral defendem e chegam a comemorar a violência simbolicamente cometida contra o alvo através de comentários e likes. Portanto, o fenômeno existe, é expressivo e pode ser vivenciado e documentado no ciberespaço.

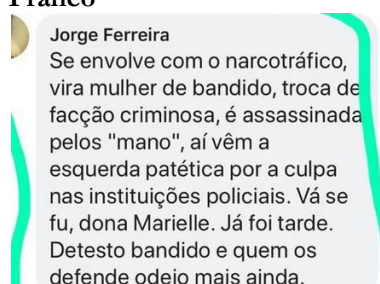
Por um outro ângulo, o caso de Matheusa pode ser visto como mais uma vítima de transfobia, que toma conta em nosso país, decorrente do fato de ser ‘enquadrada’ com um “corpo estranho” (GUACIRA, 2016), corpo esse que transgrede as fronteiras de gênero e/ou sexualidade, e que, por conta dessa transgressão, é marcada como diferente. Assim como “frequentemente são apontados pelos outros como ‘diferentes’ – uma diferença que os desqualifica, os desvaloriza e os torna ‘indesejáveis’”, conforme sinaliza Couto Junior (2014, p. 94).

A “*fake news* para a letalização de outros” é uma outra prática ciberfascista que destacamos, é entendida como a produção, partilha e viralização de notícias falsas que visam aniquilar/destruir com a vida de uma pessoa ou de uma instituição. Para as nossas análises, citamos as notícias falsas sobre o caso de assassinato da vereadora Marielle Franco e de seu motorista Anderson, notícias falsas essas que foram compartilhadas por pessoas que ocupam importante cargos e posições políticas em nosso cotidiano:

Figura 6 – Rastros da fala de Deputado Federal Alberto Fraga sobre a morte da Vereadora Marielle Franco



Fonte: [BlogdaCidadania](#). Acessado em: 25/03/2018



Fonte: [Jornal Extra Online](#). Acessado em: 25/03/2018



Fonte: [PortalT5](#). Acessado em: 25/03/2018

Essas falas vão ao encontro dos argumentos de Braga (2018), que nos convoca a pensar que as *fake news* atraem uma enorme quantidade de atenção, ao ponto de se tornarem uma verdadeira indústria, que prospera da ausência de tolerância – diríamos também que da ausência de respeito e ética.

Por outro lado, é preciso ressaltar que essa indústria de *fake news* do caso Marielle, em específico, é também uma forma de linchamento em rede, isto é, de destruir a sua face como pessoa pública, mulher negra, mãe e lésbica, que representava os mais pobres, favelados, mulheres e homens negros, LGBTI+, inspirava toda uma juventude e eleita democraticamente com 46.502 votos. É preciso ressaltar, também, que dados do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic - UFES) e do jornal O Globo (2018) – “Como ganhou corpo onda de fake news sobre Marielle Franco” – indicam que o principal inventor de *fake news* sobre a vereadora Marielle Franco foi o “Movimento Brasil Livre” (MBL) – movimento de extrema direita, que prega, antes de tudo, o ódio às diferenças.

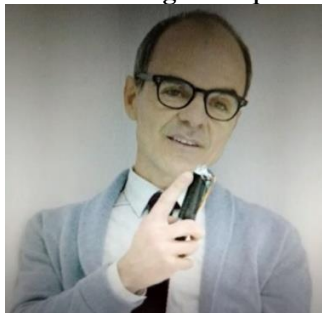
As múltiplas figurações das práticas ciberfascistas: perfil falso; ausência de face; linchamento em rede; e *fake news* para letalização de outros nos possibilitam dizer que o ódio ao outro é construído socialmente, e esse outro é visto como uma barata que precisa ser exterminada, morta, letalizada. Essas práticas ciberfascistas cartografadas nos fazem refletir como a prática de odiar compõe também a cibercultura, se tornando parte de nós, na qual aprendemos-ensinamos-praticamos em múltiplas redes cotidianas: Facebook; numa conversa privada num bate-papo; por meio de comentários em sites de agências de notícias; através da criação e partilha de *fake news*.... É possível identificar nessas práticas cartografadas que elas são praticadas e partilhadas por usuáries situadas culturalmente, sujeitos pensantes, produtorxs de cultura, podemos dizer, como no caso Marielle, por sujeitos com um amplo repertório cultural-acadêmico-político, logo, não são pessoas ignorantes, muito menos burras e que precisem ser conscientizadas. Essas práticas, por fim, só são possíveis de serem operacionalizadas em rede por conta de complexos princípios ciberculturais: liberação do polo de emissão, conexão generalizada em rede e a reconfiguração cultural (LEMOS, 2007).

REFLEXÕES (IN)CONCLUSIVAS DE PESQUISA: “COMO A ENGENHARIA REVERSA CONTRIBUI PARA PENSAR-PRATICAR UMA VIDA NÃO FASCISTA”?

Nesta cartografia, entendemos que as práticas fascistas em rede – ciberfascistas – são ações situadas culturalmente, históricas, produtos de uma determinada sociedade. Essas práticas, entretanto, nos fornecem caminhos para pensar sobre elas e sobre a necessidade de não praticá-las.

O episódio Engenharia Reversa abre possibilidades para refletir sobre uma vida não fascista, principalmente, a partir de táticas de resistência. Os seres humanos vistos como baratas desenvolveram um dispositivo que dispara uma luz, na verdade, transmite um código que desconfigura a máscara desejante fascista (máquina de matar), produzindo, assim, uma pane no chip implantado no cérebro dxs militares:

Figura 7 – Personagem Arquette-Psiquiatra conversando com o personagem Stripe-Soldado

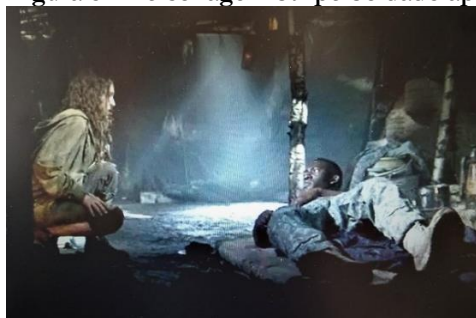


Reverteram [as baratas] a tecnologia de peças dos nossos *drones*. Esta luz transmite um código. É um vírus. Tenta invadir a máscara e desativá-la por dentro. As baratas estão ficando bem mais engenhosas do que pensávamos – (ENGENHARIA, 2016, 47’43”).

Fonte: Engenharia Reversa – Black Mirror

Com isso, trazendo humanidade para todxs aquelxs que até então tinham que ser aniquiladxs, possibilitando outras maneiras de (re)existência para elxs, dilatando a experiência do direito de (sobre)viver, de serem vistxs como um ser humano, gente, pessoas que lutam pelo direito de existir diariamente; e não como um animal, um ser abjeto, condenadxs à morte:

Figura 8 – Personagem Stripe-Soldado após sofrer com a pane no chip implantado em seu cérebro



- Você me vê como sou [Catarina].
- É claro que te vejo [Stripe/Soldado].
- Não me vê como barata? [Catarina]
- Você não é uma barata [Stripe/Soldado].

Fonte: Engenharia Reversa – Black Mirror

Na contemporaneidade, é urgente pensar-praticar a Engenharia(s) Reversar(s) em nossos cotidianos, que possibilite produzir outras maneiras e formas de viver, não fascistas, as quais: combatam sem cessar as (micro)políticas de ódio; potencializem múltiplas formas de redes de resistência, de criar e dar sentidos a novos contornos à vida cotidiana, ao viver cibercultural; ampliem o respeito ao outro; e promovam a liberdade “ética”, “isto é fazer de si mesmo um objeto de solicitude e atenção e de conduzir a si mesmo nos diversos aspectos de sua existência cotidiana” (ROSE, 2011, p. 50).

Foucault (1993, p. 199), por seu lado, nos fornece alguns vestígios por uma vida não fascista, dentre eles: “prefiram o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade [...] Não se apaixonem pelo poder”. Destacamos que pensar-praticar um viver não fascista é desafio constante em nosso cotidiano, nunca deve cessar, isso sem dizer que temos que estar sempre atentos a nós mesmos, refletir sobre as nossas práticas e como nos conduzimos.

Por fim, salientamos que, por mais que as práticas ciberfascistas tentem enquadrar x outrx conforme seu desejo, e às vezes conseguem aniquilar-exterminar essx outrx, há rupturas constantes, criando e multiplicando alternativas não fascista em múltiplas interfaces de nossa sociedade: cultura, educação, política, movimentos sociais...

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In.: PASSOS, Eduardo Passos; KASTRUP, Virgínia Kastrup e ESCÓSSIA, Liliana (orgs). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009,131-149 p.

BRUNO, F. Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede. Porto Alegre: **Revista Famecos**, v. 19, n. 3, setembro/dezembro 2012, p. 681-704.

BRAGA, R, M. C. A indústria das fake news e o discurso de ódio. In: PEREIRA, R.V. (Org.). **Direitos políticos, liberdade de expressão e discurso de ódio**. Volume I. Belo Horizonte: IDDE, 2018. p. 203-220. ISBN 978-85-67134-05-5.

CARVALHO, F. S. P.; MARTI, F.; JUNGER, V. Movimentos e mobilizações em rede: marcha pela ciência. In: PORTO, C., OLIVEIRA, K. E., ROSA, F. (Org.). **Produção e difusão de ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares**. 1ed. Ilhéus/BA: Editus, 2018, v. 1, p. 153-168.

CARVALHO, F. S. P.; ROSENO, R.; e POCAHY, F. Cartografias de rede de aquedação em grupos (homo)eróticos no Facebook: dissidências de gênero, sexualidade e envelhecimento. In: POCAHY, F; CARVALHO, F. S. P.; COUTO JUNIOR, D. R. (Org.). **Gênero, sexualidade e geração: intersecções na educação e/m saúde**. Aracaju: EDUNIT, 2018, p. 129-148.

COSTA, C. **Delegado de Pernambuco é afastado após postagens sobre Marielle Franco**. Jornal Extra Online, 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de>

[policia/delegado-de-pernambuco-afastado-apos-postagens-sobre-marielle-franco-22502524.html?utm_source=Twitter&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar](https://www.globo.com/policia/delegado-de-pernambuco-afastado-apos-postagens-sobre-marielle-franco-22502524.html?utm_source=Twitter&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar)> . Acessado em: 25/03/2018

COUTO JUNIOR, D. R. Quem se importa? Marcas do preconceito e da discriminação nas redes sociais digitais. Pernambuco: **Revista Temática**, Ano X, n. 09, Setembro, 2014, p. 95-109.

DUARTE, A. Foucault e as novas figuras da biopolítica: o fascismo contemporâneo. In.: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). **Para uma vida não fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 35 – 50.

DERY, M. **Flame wars**: the discourse of cyberculture. Duke University Press, 1994.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Luiz B. I. Orlandi, São Paulo, EDITORA 34, 2ª edição, 2011.

ENGENHARIA, Reversa. **Série Black Mirror**. Netflix, 2016.

FOUCAULT, M. O Ante-édipo: uma introdução à vida não fascista. **Cadernos de Subjetividade** / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-S, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 197-200, 1993.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro/ São Paulo, 6ª edição, Paz e Terra, 2017.

G1 - O Portal de Notícias da Globo/Facebook. Matheusa foi “julgada” antes de ser morta por traficantes, diz delegada. 2018. Disponível: <https://www.facebook.com/g1/posts/2140478696004204?comment_id=573182126397597¬if_id=1525994770010193¬if_t=comment_mention&ref=notif>

>. Acesso em: 10/05/2018

GUATTARI, F. **A revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. Tradução Suelly Belinha Rolnik, São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª edição, 1987.

GOFFMAN, E. **Interaction ritual**: essays on face-to-face behavior. Garden City: Anchor Doubleday, 1967.

HERINGER, C.; MARINATTO, L. **Delegado afastado de caso de estupro é dispensado do cargo**. JORNAL EXTRA ONLINE, 2016. Disponível em: <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/delegado-afastado-de-caso-de-estupro-dispensado-do-cargo-19461382.html>>. Acessado em: 21/05/2018

LEMOS, A. Cibercultura como território recombinate. In: MARTINS, C. D. et al (Org.). **Territórios recombinaentes**: arte e tecnologia – debates e laboratórios. São Paulo: Instituto Sérgio Motta, 2007. p.35-48.

LOBO, R. A. Á.; FILHO, M. S. D. C. Notas sobre o linchamento em rede: apontamentos introdutórios a partir de uma pesquisa documental em andamento. **ANAIS IX Simpósio Nacional da ABCibe – Cibercultura, Democracia e Liberdade no Brasil**, 2016.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2 ed.; 3. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MARTÍN, M. Crivella veta no Rio a exposição Queermuseu, censurada em Porto Alegre. EL PAÍS ONLINE, 2017. Disponível: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/04/cultura/1507068353_975386.html>. Acessado em: 16/05/2018.

NARDI, H. C.; SILVA, R. N. 2005. Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade. In: GUARESCHI, N. M.; HÜNING, S. M.; RODRIGUES, H. B. C. (eds.). **Foucault e a psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, p. 107 - 128.

O Globo. Como ganhou corpo a onda de fake News sobre Marielle Franco. 23/03/2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/como-ganhou-corpo-onda-de-fake-news-sobre-marielle-franco-22518202>>. Acessado em: 16/05/2018

O Globo. Jair Bolsonaro lança panfleto contra homossexuais; MEC vai distribuir kits anti-homofobia em escolas. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/jair-bolsonaro-lanca-panfleto-contr-homossexuais-mec-vai-distribuir-kits-anti-homofobia-em-escolas-2771521#ixzz5G3GYLNG0>. Acessado em: 16/05/2018

PORTA T1. Magistrada acusa vereadora Marielle Franco de ligação com o Comando Vermelho – Desembargadora Marília Castro Neves afirma que vereadora foi morta por "descumprir acordos firmados". PSOL promete ação na justiça. 2018. Disponível em: <<https://www.portalt5.com.br/noticias/brasil/2018/3/68826-magistrada-acusa-vereadora-marielle-franco-de-ligacao-com-o-comando-vermelho>>. Acessado em: 25/03/2018

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, R. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. In: PRIMO, A. (Org.). **Interações em Rede**. 1ed.Porto Alegre: Sulina, 2013, v. 1, p. 51-70.

ROSE, N. **Inventando nossos selfies**: psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: RJ: Editora Vozes, 2011.

ZAGO, L. F. Conhecimento em tempos de ódio a pesquisa não fascista e a pesquisa impertinente com gênero e sexualidade. **BAGOAS**, n. 16, 2017, p. 79-110.

Submetido em dezembro de 2019
Aprovado em fevereiro de 2020

Informações dos(as) autores(as)

Felipe da Silva Ponte de Carvalho

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Membro do Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade e(m)

Interseccionalidades (Geni) e do Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura (GPDOC). Bolsista

Doutorado-Sanduíche FAPERJ pela Universidad Complutense de Madrid.

E-mail: felipesilvaponte@gmail.com

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7398-6171>

Pedro Spineli

Graduando em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Membro do Grupo de Estudos em Gênero e Sexualidade e(m) Interseccionalidades (Geni). Bolsista de Iniciação Científica (IC-UERJ).

E-mail: pedro.spineli@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8382-187X>